

Editorial

Para uma parcela considerável de pessoas o fenômeno do envelhecimento humano ainda pode ser entendido como recente, pois o acesso às novas tecnologias, seja na área da saúde, seja na social aplicada, e a promoção de uma educação permanente são meios que finalmente estão repercutindo na sua longevidade. Entendo que um número significativo de brasileiros com sessenta anos ou mais cultiva de forma prosaica “estar na terceira idade” num nível jamais atingido em outro período da nossa história.

Entretanto, acredito que esta é uma realidade positiva especialmente para aqueles vinculados a grupos da terceira idade, pois fazer parte de uma “turma” é uma forma – quem sabe a melhor forma – de tradução de felicidade. Por outro lado, para muitos “sentir-se” e se “fazer sentir” pertencentes a essa faixa etária ainda é algo complexo.

Neste volume da *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano* – RBCEH, treze artigos, desenvolvidos por pessoas vinculadas às mais diversas áreas do conhecimento, mais uma vez nos revelam a complexidade do fenômeno do envelhecimento humano. Alguns analisaram esse processo avaliando as necessidades fisioterapêuticas de idosos atendidos em uma unidade ambulatorial ou descrevendo as desigualdades que existem quanto à mortalidade por doenças crônicas e sua associação com indicadores socioeconômicos; outros avaliaram o risco de quedas, mediram o pico de torque e a relação entre os músculos isquiotibiais e quadríceps de idosos praticantes de ginástica em grupos de convivência, bem como mediram a força muscular respiratória e sua relação com a idade de pessoas idosas entre sessenta a noventa anos; um artigo apresenta os resultados alcançados pela execução de um projeto de extensão que relaciona memória e envelhecimento; outro analisa a solidão entre idosos institucionalizados e o efeito do atendimento por profissionais de fisioterapia; um apresenta as análises da implementação de uma universidade da terceira idade; outro descreve os resultados da execução de atividades físicas para a busca do envelhecimento saudável; um aborda a evolução das redes de autoatendimento bancário no sistema financeiro brasileiro e os desafios na utilização dos caixas eletrônicos pelos idosos; um apresenta os resultados do acompanhamento da atividade de estimulação cognitiva em idosos participantes das oficinas terapêuticas, realizado por meio da aplicação das escalas de atividades básicas de vida diária de Katz e das atividades instrumentais de vida diária de Lawton; um avalia o impacto

da postura anormal do tronco e dos joelhos, que interfere na funcionalidade das pessoas idosas; por fim, um artigo analisa a equoterapia como recurso terapêutico no equilíbrio dessas pessoas.

Os resultados descritos em alguns dos artigos publicados neste número revelam que “ser idoso” não implica que um indivíduo seja pior ou melhor, mais forte ou mais fraco do que o outro, mas apenas que precisamos entendê-lo pela sua conjectura biopsicossocial. Essa constatação nos leva a concluir que a questão do processo de envelhecimento humano precisa ser interpretada para além daquilo que realizamos nos bancos acadêmicos, como, por exemplo, quando concluímos uma análise e descrevemos os seus resultados, ou quando promulgamos uma legislação. Entendo que precisamos também respondê-la pelo arbítrio de cada um quanto à confecção da definição da condição humana.

Acredito que, mais uma vez, a RBCEH alcançou o seu objetivo, pois entendo que contribuimos para a ampliação do processo de reflexão que é preciso desenvolver quando se quer responder a uma questão vinculada ao processo de envelhecimento humano.

Prof. Dr. Adriano Pasqualotti
Editor